PREVIDÊNCIA

Planalto aposta na oposição e vota reforma amanhã

'Éramos pit bull e viramos poodle', diz Heloísa Helena

Senadora confirma que votará contra a reforma da Previdência e já fala de sua saída do PT

VERA ROSA

Rafael Neddermeyer/AE

Heloísa Helena: "Também estou decidida: ano novo, vida nova. Não vou chorar o resto da vida"

BRASÍLIA – Ela fica com os olhos marejados toda vez que fala na provável expulsão do PT, mas, mesmo assim, garante que amanhã cravará "não" à reforma da Previdência, no Senado. Com o voto contrário, selará sua sentença de morte no partido que ajudou a fundar, nos anos 80. "Quem tem de ir para o divã por dupla personalidade ideológica não sou eu", provoca a senadora Heloísa Helena Lima de Moraes Carvalho.

Nesta entrevista ao **Estado**, ela se emocionou em quatro momentos e disse viver uma tormenta emocional. "Espero que isso acabe este ano." Aos 41 anos, a alagoana que faz barulho e desafia a cúpula petista, rema no Lago Paranoá para ter tranqüilidade, mas não consegue esquecer o que a espera. Para ela, o PT se transformou em "medíocre correia de transmissão das decisões do Planalto". Sem papas na língua, apesar dos apelos de amigos para moderar o tom até a decisão do Diretório Nacional do PT, nos dias 13 e 14 de dezembro, Heloísa diz que o governo Lula é igualzinho ao de Fernando Henrique. Ou até pior. "Na oposição nós éramos pit bull e, quando viramos governo, temos de ser poodle de madame."

Estado – A sra. pode recuar e votar pela reforma da Previdência?

Heloísa Helena – Votar a proposta que virou idéia fixa para a cúpula palaciana é evidente que não. Sempre defendi uma reforma do Estado brasileiro, que foi privatizado a serviço de uma elite política e econômica insensível e incompetente. Entretanto, a proposta que foi acatada pelo PT sem o devido debate foi montada sob a égide dos acordos com o FMI e o Banco Mundial. Nunca imaginei que estaríamos aqui vivenciando a reprodução de uma proposta de reforma neoliberal, nos mesmos moldes do governo Fernando Henrique.

Estado – É a mesma proposta?

Heloísa – É pior. Veja só: o governo FHC aprovou uma reforma da Previdência para os trabalhadores do setor público em 98, com o voto contrário do PT. Em 99, para os trabalhadores do setor privado, com o voto contrário nosso. Para mim, seria muito cômodo estar silenciosa na base de bajulação, ou se a fome que passei na infância tivesse destruído meus neurônios. Essa proposta nada mais é do que manter a transferência de renda para o capital financeiro, jogando a poupança dos trabalhadores do setor público na lama, viabilizando interesses dos fundos de pensão. Caberia ao PT não se transformar no que se transformou: uma medíocre correia de transmissão das decisões do Palácio do Planalto.

Estado – A sra. está totalmente desencantada com o PT e o governo?

Heloísa – Santo Agostinho já disse: "As duas filhas lindas da esperança são a indignação e a coragem." Ando profundamente triste porque não é fácil ter dedicado os melhores anos da vida enfrentando adversidades gigantescas, pondo em risco minha própria vida e a dos meus filhos, para ajudar a construir o PT. Num momento como este, você identifica delinqüentes da política brasileira, oportunistas de carteirinha, todos acarinhados pela estrutura palaciana e alguns de nós ameaçados de expulsão. Não é uma situação fácil (Fica com os olhos cheios de lágrima). Às vezes, me emociono quando falo, choro. Mulher não precisa esconder suas lágrimas.

Estado – A sra. é uma voz isolada no PT?

Heloísa – (Pausa) Nãão. Sei que existem muitos militantes, dirigentes e parlamentares do PT que se expõem para fazer minha defesa – e não só o meu amado Suplicy *(o senador Eduardo Suplicy)*. Claro que estou dizendo no bom sentido, porque o coração dele está bem ocupado.

Estado – Ao fazer essas críticas, não se considera fora do PT?

Heloísa – Não. Se eu for expulsa, será um processo muito doloroso, porque no meu gabinete tem uma bandeira vermelha do PT e outra das mulheres do PT, que representa um momento muito especial da minha vida. Todas as nossas camisetas geralmente têm a estrela do PT, os retratos têm uma vinculação com o partido. Imagine o que é ter de arrancar todas essas lembranças.

> *Quem tem de ir para o divã por dupla personalidade ideológica não sou eu*

Estado – Quais são?

Heloísa – Existem lembranças que estão impregnadas na nossa alma, no nosso coração. *(Fica com os olhos marejados)* Não é uma coisa qualquer. Sei que minha vida sempre foi uma travessia do deserto, sou uma sobrevivente, nunca tive caminhos fáceis, mas espero que isso acabe este ano, sabe? (Chora). Estou decidida, ano novo vida nova. Não vou chorar o resto da vida.

Estado – A sra. se arrepende de alguma coisa?

Heloísa – Não dos anos que dediquei ao PT. Talvez eu tivesse deixado de fazer algumas coisas que politicamente me machucaram muito, mas fiz para ajudar Lula e o PT. Na penúltima campanha, em 1998, a discussão da política de alianças. Para mim, foi uma experiência muito difícil, mas como resolver o problema de Alagoas era fundamental para que o PSB apoiasse Lula, cedi. Isso foi muito doloroso. Mesmo assim, não tem que se arrepender, não. (Chora) É assim.

Estado – A sra. já foi convidada para se filiar a outros partidos. Para onde irá?

Heloísa – Fiquei muito agradecida, mas não penso isso. Prefiro só pensar após a decisão do diretório nacional.

Estado – O líder do governo no Senado, Aloízio Mercadante, diz que a senhora não participava das reuniões da bancada e que tem votado com a oposição...

Heloísa – Espero que esteja havendo reuniões da bancada, debate qualificado, e não reuniões para uma ou outra personalidade política, de forma arrogante, querer ganhar no grito. Mas esse homem está muito queixoso! O que está acontecendo é que estou defendendo as propostas que sempre defendi quando era líder da oposição ao governo FHC. E hoje, ao invés de ter os meus companheiros históricos votando comigo, estou tendo o voto do PFL, do PSDB, do PMDB e de alguns parlamentares do governo. Imagino que devem estar todos à beira do divã para resolver tantos problemas. Quem tem de ir para o divã por dupla personalidade ideológica e programática não sou eu. O negócio é o contrário. Na oposição, nós éramos pit bull e, quando viramos governo, temos de ser poodle de madame. Pode até dar alguns gritinhos histéricos, desde que o dono permita.

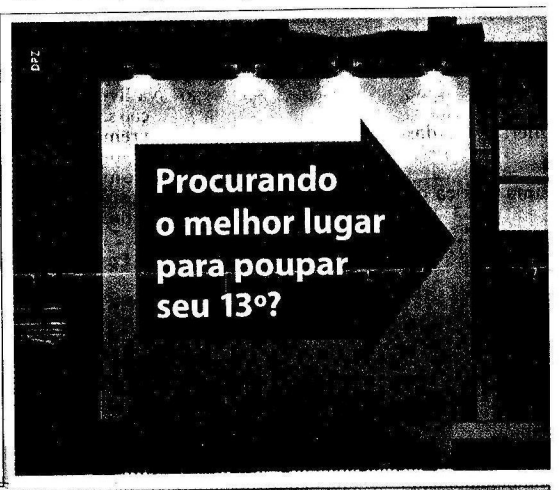
Pelo menos 5 senadores do PT, além de dissidentes de partidos aliados darão voto contra

BRASÍLIA – Os votos do PSDB e do PFL serão essenciais para que o governo consiga aprovar amanhã, no plenário do Senado, a reforma da Previdência. A base aliada no Senado soma 47 votos, sem contar pelo menos 5 dissidências, placar inferior ao mínimo de 49 votos exigidos para aprovar a proposta previdenciária no primeiro turno de votação pelos senadores. Um dos dissidentes da base aliada é o senador petista Paulo Paim (RS), que defende alterações na proposta do governo. Hoje o presidente do PT, José Genoino, e o líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP), se reúnem com Paim para fazer um último apelo a fim de que ele siga a orientação do partido e vote favoravelmente à proposta.

> GOVERNO AINDA TENTA CONVENCER REBELDES DO PT

"Não sou contra toda a reforma, mas sim contra alguns pontos da proposta. Gostaria que o governo atendesse às minhas reivindicações", afirmou ontem Paim, que já recebeu convites para ingressar em outros partidos e vem sendo publicamente assediado pelo PDT.

Além de Paim, o senador Flávio Arns (PT-PR) também ameaça votar contra a reforma da Previdência. Ou seja, dos 14 votos que o PT têm no Senado, o governo poderá contar apenas com 11, uma vez que a Heloísa Helena (AL) já avisou que votará contra a proposta e deve ser expulsa do partido em dezembro. As dissidências na base não são, no entanto, restritas ao PT. O PMDB, que tem uma bancada de 22 senadores, também deverá apresentar defecções: os senadores Mão Santa (PI) e Sérgio Cabral deverão votar contra a reforma.

Mesmo com as dissidências, porém, o governo não deve ter dificuldades para aprovar a reforma da Previdência. Pelo menos metade dos 11 senadores do PSDB e outra metade dos 17 senadores do PFL vão votar com o governo. Senadores tucanos e pefelistas fazem oposição ao governo, mas na reforma da Previdência, atendendo a pedido dos governadores de Estados, apoiam a proposta.

Hoje, o governo deverá decidir se suprime do texto que irá à votação o subteto salarial nos Estados. A retirada é para atender a uma reivindicação de governadores do PMDB, que não querem que o subteto salarial dos servidores do Executivo nos Estados fique limitado a sua remuneração. A idéia é resolver esse problema na chamada "emenda paralela" que agrupa os pontos negociados entre o Planalto e os senadores para alterações posteriores na reforma da Previdência. Mas o governo federal e os tucanos resistem em aprovar a retirada do subteto. Anteontem, o líder Mercadante voltou a descartar a indexação do subteto nos Estados aos ganhos dos desembargadores, como querem os peemedebistas. **(Eugênia Lopes)**